

Dependência química e o tratamento integral humanizado pelo SUS: uma breve revisão de literatura

Daniela Paz Carvalho¹

Loiva dos Santos Leite²

Ane Katiussa Siqueira Frohlich da Silva³

Resumo: Este artigo trata-se de pesquisa realizada sobre o tratamento da dependência química no âmbito do SUS. Seu objetivo é compreender o que é a dependência química, quais são suas possíveis causas e quais as ferramentas e técnicas utilizadas pela psicologia no plano terapêutico dos pacientes com este diagnóstico. A temática foi definida a partir de uma observação em Estágio Básico I, de sessão de psicoterapia com usuários do grupo de prevenção à recaída. A metodologia utilizada foi uma revisão da literatura, incluindo artigos e livros acerca do tema. A pesquisa, que abrangeu fundamentos teóricos e atuação prática no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS AD), revela uma concepção de cuidado humanizado e integral ao usuário de drogas. Diferentes abordagens e formas de atuação foram trazidas, bem como os principais conceitos que fundamentam o atendimento multidisciplinar e interdisciplinar a esses pacientes. Abordagem Centrada na Pessoa, Psicoeducação com Teoria Cognitivo Comportamental (TCC), Arteterapia e Sociopsicodrama ilustram algumas das possibilidades do fazer psicológico e do manejo deste diagnóstico. A política de Redução de Danos, em substituição à idealização de uma abstinência definitiva, abre possibilidades para que o paciente siga o tratamento ainda que usando a droga ou tendo recaídas. Nesta perspectiva, o indivíduo é observado e atendido em sua totalidade, não meramente a sua doença. Porém, a falta de informação sobre os serviços e a estigmatização do dependente químico mantém muitos usuários sem buscar tratamento. O fortalecimento da rede pública e a permanente qualificação dos profissionais da saúde são essenciais para que os pacientes sejam atendidos de forma integral e humanizada.

Palavras-chave: Dependência Química; Psicologia; Centro de Atenção Psicossocial.

¹ Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: psicodanipazcarvalho@gmail.com

² Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesuca. Supervisora local do estágio de Psicologia Comunitária. Doutora em Psicologia Social. E-mail: loiva.leite@cesuca.edu.br

³ Docente do Curso de Biomedicina do Centro Universitário Cesuca. Doutora em Análises Clínicas e Toxicológicas. E-mail: akatiussa@cesuca.edu.br

1 INTRODUÇÃO

As substâncias psicoativas são classificadas como aquelas que, de alguma forma, alteram nosso estado de consciência, influenciando percepções, emoções e comportamentos. As alterações ocorrem através do sistema límbico ou na atuação de neurotransmissores específicos, agindo no bloqueio da recaptação, aumento da liberação, da recepção ou remoção, ou ainda, imitando os efeitos destes neurotransmissores (Feldman, 2015). Elas se dividem em estimulantes do Sistema Nervoso Central (SNC), como a cocaína, as anfetaminas e o crack; depressores do SNC, como álcool e os barbitúricos; alucinógenos, como Ecstasy e LSD; narcóticos, como a heroína e morfina, entre outras. O que as drogas aditivas têm em comum é produzir dependência fisiológica ou psicológica (ou ambas) em seus usuários, de modo que as quantidades consumidas precisam ser cada vez maiores para a obtenção dos efeitos iniciais e, uma vez instalada a dependência, a adição representa um dos comportamentos mais difíceis de modificar, segundo Feldman.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014) aponta como critérios para o diagnóstico de transtorno por uso de substâncias as seguintes características: baixo controle sobre o uso da droga; prejuízo social causado pelo uso da substância; uso arriscado da droga; e critérios farmacológicos que incluem a tolerância (necessidade de doses cada vez maiores para a obtenção do mesmo efeito) e abstinência (crise desencadeada pela cessação do uso).

O início da utilização de drogas pode estar ligado à crença de que seu efeito trará o alívio das frustrações, problemas ou sentimentos negativos. O indivíduo tem dificuldade em lidar com emoções como desconforto, tristeza ou irritação, e busca a droga como estratégia de compensação. Situações do cotidiano passam a funcionar como “gatilhos” para o uso da substância em resposta a reações emocionais excessivas ou comportamentos desadaptativos. O bem-estar momentâneo causado pela droga reforça a crença positiva sobre ela. (Neufeld & Rangé, 2017)

No ano de 2021 o Sistema Único de Saúde (SUS) registrou 400,3 mil atendimentos de pessoas com transtornos decorrentes do uso abusivo de álcool e drogas, de acordo com o Ministério da Saúde (2022). O número é 12% maior que o registrado no ano anterior (a redução de busca por atendimento pode ter relação com a pandemia por Covid-19). A Atenção Primária à Saúde é a porta de entrada dos

pacientes, que têm garantido o atendimento para a dependência química. (Ministério da Saúde, 2022)

O maior percentual destes usuários é do sexo masculino e está entre 25 e 29 anos. Percentualmente abaixo deste grupo vêm as crianças entre 10 e 14 anos e aqueles com mais de 60 anos. A substância de maior prevalência é o álcool, seguido da cocaína e fumo, além de drogas com menor percentual (Ministério da Saúde, 2022). Vale lembrar que os números apresentados dizem respeito apenas às pessoas que buscam atendimento, o que não significa que seja o total de usuários. A estigmatização do dependente químico e a falta de informação sobre o serviço são fatores que contribuem para muitos não procurarem tratamento. Esta é uma doença complexa e multifatorial, que pode ter relação com fatores de risco sociais, biológicos, comportamentais ou psicológicos, e pode ter influência genética e do meio em que o sujeito está inserido. (Ministério da Saúde, 2022)

Em pesquisa sobre as causas de recaída realizada com pacientes de uma Comunidade Terapêutica de Santa Catarina, os pacientes relatam que quando deixam de dar manutenção à abstinência, relaxando a vigilância para se manterem longe das drogas, recaem no uso abusivo (Bittencourt & Alberton, 2018). Nos depoimentos coletados eles reconhecem que hábitos como a prática de esportes, abandonar amigos que usam drogas e os locais onde o uso ocorre, focar na religiosidade, dedicar-se ao trabalho e estar próximo da família têm papel fundamental na luta pela abstinência. Quando se afastam destes pilares de sustentação, tornam-se suscetíveis às substâncias, conforme Bittencourt & Alberton.

Os participantes relataram que antecederam às recaídas episódios de ansiedade, raiva e baixa tolerância à frustração, essencialmente. Pensamentos de inferioridade, frustrações do passado e preocupação excessiva foram apontados como causas da busca pelo alívio emocional na droga. E os sentimentos vivenciados após a recaída eram de frustração, perda de tempo e fracasso (Bittencourt & Alberton, 2018).

Os grupos terapêuticos de autoajuda são formados por pessoas com os mesmos objetivos e necessidades terapêuticas. Nesta categoria, os usuários de drogas se aproximam pela demanda, que é manter-se longe do vício. Um exemplo deste tipo de grupo é o Alcoólicos Anônimos (AA) (Zimmerman, 2007). Passar pela mesma problemática torna o grupo como homogêneo e propicia a adesão ao tratamento. Os participantes possuem as mesmas vivências e linguagens, sentindo-

se menos humilhados. Este tipo de grupo é indicado para pacientes prejudicados socialmente, como os dependentes químicos. O campo grupal é um espaço de reconhecimento, onde o indivíduo pode se reconhecer na fala trazida pelo outro, identificando conteúdos reprimidos ou latentes em si mesmo, conforme Zimmerman. O presente artigo tem por objetivo identificar como a dependência química é abordada na psicologia no âmbito do Sistema Único de Saúde brasileiro.

2 METODOLOGIA

Para elaboração deste artigo foi realizada revisão de literatura sobre a dependência química e suas formas de abordagens nas intervenções da psicologia. O interesse pelo tema se deu a partir de uma observação realizada no Grupo de Prevenção à Recaída de Álcool e Drogas no Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS) de um município da região metropolitana de Porto Alegre, na disciplina de Estágio Básico I.

O cronograma da disciplina incluiu quatro observações de campo em diferentes locais para análise dos aspectos psicológicos, éticos e técnicos presentes na prática da psicologia. O trabalho final propôs uma pesquisa teórica acerca de uma das observações, aprofundando os conhecimentos na área escolhida, estabelecendo relação entre teoria e prática. As palavras-chaves que definiram a busca foram: dependência química; psicologia; caps ad.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contribuição da psicologia no tratamento da dependência química está ligada à formação da aliança terapêutica entre paciente e psicólogo, tendo como objetivo auxiliar o usuário a descobrir os sofrimentos emocionais que o levaram a procurar refúgio nas drogas. A busca do autoconhecimento e do acesso ao conteúdo inconsciente que conduz à dependência pode ser obtida através da escuta acolhedora e empática, sem juízo de valor. A possibilidade de êxito no tratamento se eleva quando o paciente sente-se compreendido e aceito pelo terapeuta. Fatores como o comprometimento e a motivação do indivíduo em relação à mudança de hábitos, ter expectativas realistas sobre si mesmo e o tratamento, bem como o apoio da família são componentes de suma importância neste desafio. (Nascimento, 2017)

Posteriormente à Reforma Psiquiátrica no Brasil, visando a humanização do tratamento aos pacientes outrora hospitalizados em instituições psiquiátricas, os

CAPS têm como foco o tratamento e a reinserção no ambiente social, familiar e do trabalho. Nesses espaços o atendimento em grupo é reconhecido com grande relevância (Osório, 2013). Os CAPS AD, destinados aos usuários de Álcool e Drogas, atuam com equipe multidisciplinar e interdisciplinar, oferecendo suporte às crises e processos de reabilitação. (Ministério da Saúde, 2022)

O olhar interdisciplinar proposto pelo CAPS converge para a multifatorialidade desta realidade, que toca o campo médico, jurídico (posto que é direito garantido ao usuário de droga fazer tratamento em liberdade), psicológico e sociológico, sem reduzir o indivíduo à sua demanda (Oliveira, 2014). Este entendimento, compartilhado pela psicanálise, descarta considerar o sujeito como um ser meramente orgânico e biológico, deslocando o foco do tratamento exclusivamente medicamentoso, onde o usuário estaria numa posição passiva e assistencial, ignorando seus conflitos, segundo Oliveira. A pessoa em uso problemático de álcool e outras drogas é ativa no tratamento, produzindo reflexões e indicando o caminho a ser trilhado em conjunto com profissionais e familiares. Oportunizar um espaço de fala e acolhimento, dando condições para que emergja o inconsciente e sua existência possa ser suportada, é o que determina a diferença do atendimento (Oliveira, 2014).

Historicamente as diferentes abordagens mantiveram foco na abstinência, o que afasta o dependente químico do tratamento. Diante da fragilidade e pouca eficácia de sucesso, surge a possibilidade da Redução de Danos (concebida pela psicanálise como estratégia, segundo Oliveira, 2014), a fim de alcançar os sujeitos que não estavam sendo assistidos ou não aderiam aos tratamentos. Esta política se caracteriza pela flexibilidade no acordo estabelecido com o usuário, objetivando a construção do vínculo com o serviço onde ele pode ser atendido, mesmo sob efeito de drogas, tendo em vista que o foco está no sujeito e não na substância. Nesta perspectiva, o plano terapêutico é elaborado com o usuário. Este entendimento aposta no tratamento em paralelo ao uso da substância, e não posteriormente à sua eliminação. A escuta do paciente possibilita a construção de sua própria narrativa, reconhecimento da sua história, inclusão social, ressignificação da sua trajetória, proporcionando reflexão sobre sua biografia. (Oliveira, 2014)

Sendo assim, algumas abordagens teóricas e formas de atuação da psicologia contribuem para a progressiva recuperação e suporte da dependência química, contemplando manejos e técnicas utilizadas nos atendimentos no CAPS AD, como:

Abordagem Centrada na Pessoa, Psicoeducação com Teoria Cognitivo Comportamental (TCC), Arteterapia e Sociopsicodrama.

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) traz princípios que vão ao encontro do tratamento da dependência focado na redução de danos. O autor desta teoria, Carl Rogers, propõe a valorização do paciente que busca ajuda, direcionando seu foco ao indivíduo, e não na problemática. Rogers desenvolveu o conceito de Tendência Atualizante, uma tendência inata ao crescimento, amadurecimento e atualização de potencialidades dos indivíduos (Bairos, 2020). O terapeuta atua como um facilitador deste desenvolvimento e atualização, proporcionando as condições adequadas para isto. Ele observa três pilares: empatia, congruência e aceitação positiva incondicional. A autenticidade na relação entre terapeuta e paciente, a disponibilidade genuína do psicólogo e a percepção de não julgamento, constroem um sentimento de ser compreendido e valorizado. O vínculo propicia confiança e encorajamento do dependente em compartilhar experiências e refletir sobre elas. (Bairos, 2020)

Um relato de caso da utilização de Psicoeducação com abordagem da TCC apresentou instrumentos psicológicos e pedagógicos como alternativas de resposta aos pensamentos e comportamentos que desencadeiam o uso da droga. A intervenção incluiu oito encontros em formato de oficina com 10 usuários. Foram usadas técnicas de relaxamento com respiração diafragmática e os participantes deveriam falar sobre si mesmos. Como se sentiam em relação aos seus medos, ansiedades e tensões. Os encontros propuseram conversações, trocas de experiências, relatos de vivências e outras atividades lúdicas e terapêuticas. O objetivo era promover o autoconhecimento, a autopercepção física e emocional, pensar sobre suas vidas para além da dependência química e criar estratégias para o enfrentamento de situações que levavam ao uso de drogas. (Guariento *et al.*, 2019)

Ao final do projeto, os pacientes relataram que se sentiram mais relaxados ao término de cada sessão, conforme Guariento (2019). Se colocaram em um papel ativo em relação ao tratamento, tirando o foco do atendimento médico e da medicalização dos sintomas. Eles também contaram que repetiam as técnicas de relaxamento fora do CAPS e isso os ajudava a regular as emoções, evitar conflitos, dormir e se alimentar melhor, sentindo-se mais calmos. Os pacientes receberam orientações sobre o uso correto das medicações, que muitas vezes eram utilizadas de forma equivocada, sem seguir a prescrição ou interrompendo o tratamento quando achavam que não precisavam mais delas. Alguns conseguiram diminuir ou eliminar alguns

fármacos após nova avaliação médica. A diminuição das recaídas veio como consequência da diminuição da ansiedade e dos conflitos, e não o inverso. (Guariento et al, 2019)

Outra alternativa de cuidado é através da Arteterapia (Hawerth, 2020). As informações obtidas sobre esta prática foram subsidiadas por um artigo contendo entrevistas feitas por psicólogas com profissionais da saúde do CAPS AD. Esta abordagem incentiva a criatividade, facilitando o acesso aos conteúdos inconscientes do paciente, ao simbólico ou ao indizível. Ela representa uma via de prazer às pessoas que buscam sensação de bem-estar basicamente no uso de substâncias, além de ser um canal de acesso à subjetividade, promover a autoestima e senso de pertencimento. Alguns pacientes não se sentem motivados a participar dos grupos terapêuticos de conversação e optam por esta atividade. As modalidades incluem diversas formas de expressão artística, como desenho, música, artesanato e pintura. Os encontros são semanais. Alguns cuidados, como evitar produtos químicos com cheiros fortes, são necessários para evitar o gatilho que despertaria a fissura. A sessão pode ser planejada com antecedência (com temáticas de datas comemorativas, por exemplo) ou adaptada às circunstâncias de cada encontro (dependendo do número de participantes, por exemplo). (Hawerth, 2020)

A sessão de Arteterapia representa uma oportunidade de socialização aos usuários, onde eles conversam e afastam o sentimento de exclusão, reforçando o acolhimento. A conversa permite que o sujeito exponha seu estado emocional e exercite a comunicação. Conforme o conteúdo emergido, os pacientes fazem vínculos com suas memórias, vivências, contextos familiares, podendo ressignificar aquilo que é trazido para o grupo ou atendimento individual. Mesmo não havendo mensuração concreta dos resultados obtidos com esta técnica ou seu grau de eficácia, a evolução do paciente é avaliada pela equipe de saúde de forma integral, considerando o que é produzido pelo usuário. É preciso considerar que a técnica produz grau elevado de aderência ao serviço. (Hawerth, 2020)

No Sociopsicodrama, o usuário tem a oportunidade de assumir novos papéis, para além do papel de dependente (May, 2018). Em pesquisa-ação qualitativa realizada com um grupo de usuários do CAPS II AD de Criciúma/SC podemos visualizar como isto se dá na prática. A intervenção teve oito encontros com temáticas planejadas. Em uma sessão específica os participantes dramatizaram seu “eu do passado” encontrando o “eu do futuro”. A técnica do psicodrama, proposta por

Moreno, tem o objetivo de fazer com que o indivíduo confronte passado e presente, trabalhando conflitos internos ou relações com algo a ser resolvido. (May, 2018)

Na sessão referida pelo autor (May, 2018), os participantes se remeteram aos seus passados, especificamente aos 7 anos de idade. Eles foram orientados a analisar as características daquela criança e o que ela gostaria de lhes dizer. Posteriormente, deveriam encontrar-se com o “eu do futuro”, já na velhice, e imaginar que conselhos ele os daria. Um dos participantes relatou que sua criança estava triste, e não conseguia visualizar-se no futuro. Imaginava apenas a figura paterna, triste e decepcionada com ele. Neste caso foi trabalhado o bloqueio da projeção futura e a necessidade de suprir a expectativa do pai. (May, 2018)

Na dramatização, ele assumiu a figura do pai (já falecido), outro participante assumiu o seu papel (denominado ego-auxiliar) e a terapeuta encenou o “eu do passado”. A dinâmica promoveu um diálogo entre estes personagens e foram emergidas características da relação entre pai e filho, bem como sentimentos remanescentes desta relação. O usuário pode perceber os conteúdos inconscientes que o impediam de projetar seu futuro e o quanto isto estava ligado à culpa que ele carregava em relação às decepções causadas no pai. Ele observou que um dos seus grandes conflitos era o desejo de voltar a ser como antes da dependência, porém, não havia como retornar ao passado, mas sim ressignificar e reconstruir o presente. O paciente conseguiu assumir papel de responsabilidade sobre a dependência. Ao final da sessão, ele abraçou o participante que havia sido seu ego-auxiliar, agora no papel de seu pai, e despediu-se dizendo que o amava. O resultado evidencia a elaboração de um contato mais adequado com a realidade e a possibilidade da construção de um “eu do futuro”, devolvendo ao indivíduo autonomia sobre seu contexto e comportamentos. (May, 2018)

Uma pesquisa realizada com psicólogos que atendem dependentes químicos em diferentes contextos demonstra que existe consenso sobre a multiplicidade de fatores que envolvem o tratamento (Souza, 2021). Não existe forma única de intervir. As demandas dos CAPS AD envolvem atendimentos individuais e em grupos, atendimento aos familiares dos usuários, participação na equipe multidisciplinar para a construção de projetos terapêuticos singulares, entre outros. Apesar de ainda ser insuficiente a articulação com o restante da rede de saúde, o foco do cuidado está na atenção psicossocial e nas discussões em equipe. A pesquisa também observou lacunas e inconsistências entre discursos teóricos e práticas, em alguns casos. E não

raro a supervalorização desta prática, obtida através da experiência, se sobrepõe ao aporte teórico. Discursos que ainda carregam resquícios do cuidado institucionalizado, a lógica da abstinência e pouca valorização da redução de danos. Estes dados confirmam a necessidade da educação continuada, o aprofundamento de reflexões e a permanente qualificação destes profissionais. (Souza, 2021)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Reforma Psiquiátrica no Brasil simbolizou um divisor de águas no tratamento da dependência química. A desinstitucionalização dos usuários de drogas e a proposta de cuidado humanizado e integral conferem um caráter de respeito ao paciente. A convicção de que a vida do sujeito, em suas diversas dimensões, precisa seguir enquanto ele está em tratamento. A dependência química é um problema mundial e seu enfrentamento não possui respostas simples. Devido à multiplicidade de causas que levam os indivíduos a fazer o uso recreativo (que pode virar patológico) de substâncias psicoativas, também precisam ser múltiplas as abordagens e recursos ofertados no controle desta doença.

É importante ressaltar a qualidade dos serviços disponibilizados pelo SUS no tratamento da dependência química. O Sistema Único de Saúde está presente em todo o território nacional e é gratuito. Qualquer cidadão pode acessá-lo, tendo em vista que os CAPS AD atuam em sistema de portas abertas.

Ainda assim a falta de informação à população sobre o serviço disponibilizado pelos CAPS AD mantém, paradoxalmente, muitos dependentes sem atendimento enquanto “clínicas de recuperação” estão lotadas de pacientes que passam por inúmeras internações, sem obter sucesso na manutenção da abstinência. É fundamental investir tanto na especialização dos psicólogos que atendem esta população, quanto na publicidade das possibilidades de cuidado oferecidas pelo SUS. É preciso promover e divulgar a boa nova sobre o protagonismo do paciente e sua autonomia nesta caminhada, a fim de que o tratamento da dependência seja percebido como ferramenta emancipatória e não reguladora ou tuteladora do seu desejo e comportamento.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. DSM- 5. Porto Alegre: Artmed. P. 163

- Bairos, C. A. (2020). *O Serviço do Psicólogo do CAPS com Dependência Química e Redução de Danos a Partir da ACP*. Anuário Pesquisa e Extensão UNOESC. São Miguel do Oeste/SC.
- Bittencourt, P. S. & Alberton, K. C. (2018) *Dependência Química: Os motivos que levam à recaída*. Curso de Psicologia da Faculdade do Sul de Santa Catarina – UNISUL
- Feldman, R. S. (2015). *Introdução à Psicologia*. 10ª Edição. Porto Alegre/RS.
- Guariento, C. F., Torres, S., & Ecker, D. D. (2019). *Prevenção e Promoção de Saúde no CAPS AD Através de Oficinas de Psicoeducação*. UERGS. Porto Alegre/RS
- Hawerth, M. & Viecili, J. (2020). *Características Atribuídas por Profissionais de CAPS-AD à Arteterapia como Recurso Terapêutico no Tratamento de Álcool e Outras Drogas*. Florianópolis/SC.
- May, J. G. & Castro, A. (2018). O Sociopsicodrama e a Reabilitação Psicossocial de Pessoas em Situação de Dependência Química: Desenvolvendo Novos Papéis. Id On Line – Revista Multidisciplinar e de Psicologia.
- Ministério da Saúde – governo do Brasil (2022). Recuperado em 11 de novembro de 2022 em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/atendimento-a-pessoas-com-transtornos-mentais-por-uso-de-alcool-e-drogas-aumenta-11-no-sus>
- Nascimento, E. M. (2017). *A Psicoterapia e sua Contribuição para o Tratamento da Pessoa com Dependência Química*. Psicologia.pt - O portal dos psicólogos.
- Neufeld, C. B. & Rangé, B. P. (2017). *Terapia Cognitivo-Comportamental em Grupos*. Porto Alegre/RS.
- Oliveira, J. (2014). *Entre Trens de Doido e a Utopia de uma Sociedade Sem Manicômios: A redução de danos como uma nova perspectiva de trabalho do(a) psicólogo(a) no Caps AD*. Unijuí. Ijuí/RS
- Osório, L. C. (2013). *Como Trabalhar com Sistemas Humanos*. Porto Alegre/RS.
- Souza, F. S. D. (2021). *Concepções Teórico-Práticas do Trabalho do Psicólogo no Atendimento de Adultos Usuários de Álcool e Outras Drogas*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo]. UNIFESP. Santos/SP <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61039>
- Zimmerman, D. E. (2007). *Fundamentos Básicos das Grupoterapias* (2ª Edição). Porto Alegre/RS.